

A Literatura de Cordel como reivindicação do direito à Literatura**Cordel Literature as a claim to the right to Literature**

Letícia Fernanda da Silva Oliveira¹⁹
<https://orcid.org/0000-0003-1821-37>

Resumo: O presente artigo propõe a discussão de dois célebres ensaios do sociólogo Antonio Candido analisando a Literatura de Cordel e a função social que esta desempenha. As reflexões propostas pelo crítico literário abordam importantes questões como as desigualdades sociais e a literatura como forma de humanizar o homem. Sendo sempre associada às belas artes, a literatura foi constantemente reafirmada como uma espécie de saber elevado e forma de edificação do homem, mas o que pretendemos demonstrar é que mesmo nas culturas populares, como a Literatura de Cordel, quando os poetas tomam a voz e reivindicam a literatura como forma de fruição para as camadas mais populares, este direito é acessado por todos e não apenas pelas classes mais elevadas. Abordando especificamente o contexto em que esta literatura surge no Brasil, o começo do século XX, demonstramos como os poetas foram fundamentais para que o seu público de leitores/ouvintes pudesse desfrutar da arte e usufruí-la como um bem.

Palavras-chave: Literatura de Cordel; Antonio Candido; Direito à literatura; Fruição; Humanização.

Abstract: This article proposes the discussion of two renowned essays written by the sociologist Antonio Candido in contraposition to Cordel Literature and the social role that it performs. The thoughts proposed by the literary critic address important questions such as social inequities and the literature as a way to humanize men. Always associated with the fine arts, literature was constantly reaffirmed as a type of superior knowledge and a form of edifying men, but what we intend to demonstrate is that even in popular cultures, such as Cordel Literature, when poets own the voice and reclaim literature as a method of enjoyment for the most popular classes, than this right is accessed by everyone and not just by the upper classes. Addressing specifically the context in which this literature emerges in Brazil, the beginning of the 20th century, we intend to demonstrate how the poets were fundamental so that their audience of readers/listeners could enjoy art and consume it as a good.

Keywords: Cordel Literature; Antonio Candido; Right to literature; Enjoyment; Humanization.

A literatura como parte dos direitos humanos

Em seu famoso ensaio “O direito à literatura”, publicado em 2004, Antonio Candido trabalha a importante questão dos direitos humanos, elencando entre estes o direito à literatura. Vivendo em tempos de reflexão acerca das injustiças sociais e a insensibilidade demonstrada frente a essa questão, não parece uma desconexão com a realidade pensar sobre como a literatura pode também fazer parte dos direitos humanos. Se acreditamos que

¹⁹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP



precisamos transformar a realidade e romper com o antigo estado das coisas, seria um debate profícuo este que reflete sobre como a fruição literária é também um direito. Conceder o acesso à literatura seria, portanto, mais uma forma de diminuir as desigualdades sociais.

Como afirma o autor, pensar nos direitos humanos faz com que consideremos indispensável ao outro aquilo que também é indispensável para nós. E ao considerarmos esse pensamento, a literatura é mais um bem a ser reivindicado entre tantos outros tidos como indispensáveis, ou *incompreensíveis*, pois esses são aqueles que não podem ser negados a ninguém. São os bens capazes de garantir a sobrevivência, não apenas física, mas também mental, espiritual. Para Candido (2004, p. 173),

O fato é que cada época e cada cultura fixam os critérios da incompressibilidade, que estão ligados à divisão da sociedade em classes, pois inclusive a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não o é para outra.

Esse parágrafo evidencia que o debate sobre o acesso à literatura não pode ser desvencilhado da reflexão sobre direitos humanos, pois seriam as classes altas que definiriam o acesso das classes menos favorecidas às artes, fazendo, então, com que os direitos humanos fossem desrespeitados em mais uma de suas vertentes. É importante lembrar e reafirmar que as elites são sempre vistas como detentoras do saber, em que estão inseridos os indivíduos que podem criar conhecimentos e, dessa forma, aumentar ainda mais o próprio poder.

É importante ressaltar ainda que o ensaio de Candido não aborda especificamente a literatura popular, apresentando exemplos referentes apenas ao âmbito canônico, mas, ao descrever a sua visão do que é a literatura, é perceptível que a sua definição abrange textos antes desprezados pelo cânone. Para o sociólogo, seriam textos literários “todas as formas de criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade” (CANDIDO, 2004, p. 174). Então, o autor parte para um debate fundamental de seu ensaio: o fato de que não há qualquer homem ou povo que consiga viver sem a literatura, responsável por confirmar a humanidade do homem.

A literatura seria capaz de humanizar e de ser responsável por enriquecer tanto o indivíduo como o grupo. Essa humanização é definida por Candido (2004, p. 180) como “o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, [...] a percepção da complexidade do mundo e dos seres”. Ela é um meio eficaz de transmitir conhecimentos, mas também uma forma de trazer a sensibilidade à tona, fazendo com que o indivíduo seja capaz de refletir e ser empático com o outro. Muitas vezes a literatura será capaz de mostrar uma realidade diferente daquela em que o leitor vive e, portanto, será capaz de transportá-lo, ainda que momentaneamente, para outro universo.

Candido apresenta, então, outra importante reflexão e que se faz necessária para os propósitos deste artigo. O autor aponta que a relação da literatura com os direitos humanos pode ser vista sob dois vieses: o primeiro, em que a literatura seria uma necessidade universal que deve ser satisfeita, pois negá-la seria “mutilar a nossa humanidade” (CANDIDO, 2004, p. 186); o segundo, a literatura atua como um instrumento de desmascaramento, pelo fato de permitir que haja foco na restrição dos direitos ou na falta deles. O autor conclui, então, que nesses dois vieses ela se encaixaria na luta pelos direitos humanos.

A divisão social brasileira seria responsável por impedir que as classes sociais mais baixas não possam ter acesso às obras canônicas da mesma maneira que as classes dominantes. A literatura escrita acaba sendo um privilégio de pequenos grupos, por diversos motivos, cabendo às classes mais baixas apenas as formas consideradas populares.

Outro importante ensaio do sociólogo Antonio Candido, e complementar à discussão deste primeiro que citamos, é “A literatura e a formação do homem”, publicado em 2002, em que o autor discute a função da obra literária dentro de uma sociedade e aborda mais uma vez como se dá a humanização do homem por meio da literatura.

A literatura, principalmente quando enxergada de maneira purista, muitas vezes, foi retratada como um meio de edificação do homem, mas não é esse o sentido que Candido buscou apontar em suas reflexões, pelo contrário. A edificação seria responsável por afastar o homem de uma humanidade verossímil, criando a ideia de um funcionamento literário próximo aos manuais de virtude e boa conduta. A literatura, então, seria necessária para mostrar que existe uma complexidade em torno de si própria.

Paradoxos, portanto, de todo lado, mostrando o conflito entre a ideia convencional de uma literatura que *eleva e edifica* (segundo os padrões oficiais) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não *corrompe* nem *edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver (CANDIDO, 2002, p. 84-85).

Para Candido, a necessidade universal da fantasia se manifestaria em todos os instantes possíveis da vida humana, haja vista que é praticamente impossível pensar em qualquer indivíduo que passe muito tempo sem ter qualquer tipo de alegoria em sua mente, ou fora dela. E, sendo assim, a literatura é uma resposta a essa imaginação inesgotável:

A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como a anedota, a adivinha, o trocadilho, o rifão. Em nível complexo surgem as narrativas populares, os cantos folclóricos, as lendas, os mitos. No nosso ciclo de civilização, tudo isto culminou de certo modo nas formas impressas, divulgadas pelo livro, o folheto, o jornal, a revista: poema, conto, romance, narrativa romanceada (CANDIDO, 2002, p. 80).

É possível então refletir e concluir que a literatura traz em si muitas possibilidades, sendo capaz de tanto humanizar quanto desumanizar. O mais importante de todos esses questionamentos sobre a possibilidade de humanizar de fato, é que sendo a literatura indissociável da formação do homem não haveria como ela não causar nenhum tipo de afetação na formação da personalidade de qualquer indivíduo. Somos afetados pelos textos literários de diversas formas, não apenas quando falamos dos textos mais eruditos. A literatura e a arte estão nas pequenas coisas que nos rodeiam, possibilitam a fruição da realidade de uma maneira necessária em qualquer civilização.

Um breve retrospecto sobre o surgimento da Literatura de Cordel

Refletindo especificamente sobre a Literatura de Cordel e o seu advento, não é absurdo afirmar que o fazer poético dos poetas vai de encontro ao pensamento que Candido defende nestes ensaios. Enquanto o romance moderno foi construído sobre bases que priorizam a leitura individual e o isolamento do leitor, gerado também a partir da segregação do romancista, como afirma Walter Benjamin em “O narrador”, quando se trata de narrativas populares, como é o cordel, espera-se que o público receptor faça o oposto, haja vista que o consumo dos folhetos esteve sempre estritamente ligado à oralidade e às leituras públicas. O que comprova também que o autor se equivocou ao afirmar que a arte de narrar estava em vias de extinção, pois, se para Benjamin (1994) tais narradores não seriam relevantes dentro da literatura canônica, a Literatura de Cordel comprova que os narradores orais sobrevivem e se reinventam na cultura popular.

É também importante salientar que não é apenas a cultura popular que é influenciada pela literatura canônica, pois o inverso também acontece. A literatura escrita também se apropria e se alimenta da literatura popular, o que promove toda uma circularidade de

influências. Ou seja, os narradores orais continuam sendo indispensáveis para todo o sistema literário.

Pensar e pesquisar a Literatura de Cordel é, de certa forma, revisitar alguns conceitos da teoria literária, como autoria²⁰ e originalidade²¹, e até mesmo repensar o próprio termo *literatura*. É pertinente considerar que as narrativas populares foram marginalizadas, sendo até mesmo consideradas como uma espécie de paraliteratura, uma visão bastante preconceituosa, que marginalizava e rebaixava essas existências culturais divergentes. Obviamente esse tipo de postura consistia numa reafirmação da superioridade da literatura considerada canônica, ocorrendo isso inclusive dentro do meio acadêmico.

A Literatura de Cordel brasileira se configura como uma expressão cultural popular, que traz em si diversos tipos de sapiências e utilidades. Faz parte de sua estrutura, então, o resultado de trocas culturais entre os imaginários das culturas que formaram o Brasil, fazendo assim com que histórias tradicionais vindas do contexto ibérico fossem remodeladas e ganhassem novos contornos especificamente brasileiros. Era comum que os folhetos fossem usados para retratar fatos que ocorriam exatamente naquele momento histórico. É impossível, portanto, pensar a existência dessa tradição cultural sem pensarmos também na transmissão oral e na memória coletiva, pois ambas são de fundamental importância para que muitas narrativas ibéricas não tenham se apagado no decorrer de séculos. Pelo contrário, permaneceram tão fortes e ecoando nas mentes nordestinas, que quando são transpostas pelos cordelistas ganham ainda mais força.

Os versos dos cordelistas buscavam aproximar o público leitor/ouvinte de suas criações, e, por isso, ocorre também a identificação desse público com o que estava ali sendo retratado. Os folhetos são capazes tanto de trazer histórias maravilhosas, em que se vence a fome e a seca, ou então mostravam como fazer o pobre, “amarelinho²²”, vencer os ricos. Traziam também em si os preceitos católicos, muito respeitados e seguidos na época, responsáveis por causar uma impossibilidade eterna às mulheres, pois elas jamais seriam tão virtuosas como a Virgem Maria.

As penas ferozes de autores como Leandro Gomes de Barros²³, o mais importante cordelista pioneiro, traziam também em si muitas críticas ao momento social e histórico em que viviam. Não se conformavam com a Proclamação da República, com os novos impostos, e também não viam com bons olhos os pequenos progressos femininos da época, assim como algumas mudanças trazidas pela *Belle Époque*.

Os poetas pioneiros eram descendentes dos cantadores que os precediam, haja vista que essa é uma tradição secular. Muitos deles sendo apenas semiletrados, faziam da

²⁰ Diferentemente da visão canônica do termo e da maneira como concebemos o plágio atualmente, a autoria dentro do Cordel é enxergada de uma maneira intrinsecamente diversa, ao menos no começo do século XX. Em um contexto em que a repetição de histórias tradicionais era algo não apenas natural, como também desejado pelo público leitor/ouvinte, cabia aos poetas e editores revisitarem essas narrativas. Impondo-lhes, por vezes, pequenas modificações. Podemos concluir que é um conceito muito mais flexível na literatura popular do que nos romances, por exemplo, em que uma atitude como essa poderia gerar disputas judiciais.

²¹ Pensar a originalidade também envolve a questão de revisitação de textos antigos, portanto a verdadeira originalidade no contexto do cordel estaria em conseguir produzir uma obra com linguagem próxima a de seus leitores/ouvintes e da realidade em que viviam. Dessa forma, seria possível que o público se identificasse com suas criações e se sentisse parte de suas narrativas (cf. OLIVEIRA, 2017, p. 52).

²² Seria o personagem arquetípico Pedro Malasartes, que pode também figurar no Cordel sob outras alcunhas. A sua arma secreta é o “quengo”, a inteligência, e aparece denominado como “amarelinho”, por causa do “físico disforme e comprometido pelo ancilóstomo, pela sífilis e pela deficiência alimentar do trabalhador das usinas e das plantações” (MARQUES, 2014, p. 248).

²³ Nascido em Pombal-PB. Viveu a maior parte de sua vida morando em Recife, cidade em que se fixou e iniciou a sua produção de cordéis. Barros conseguiu o feito de viver exclusivamente da venda de seus cordéis, o que justifica também a sua vastíssima produção. Suas obras permanecem no imaginário coletivo nordestino até os dias de hoje (OLIVEIRA, 2017).



memorização uma grande aliada do fazer poético, pois diferentemente do que muitas vezes se pensa, não é apenas por invenção que criam seus versos, há um extenso trabalho com a memória na prática dos cordelistas. Além disso, traduziam para os versos os anseios populares, pois tinham contato direto com seu público. Não escreviam de maneira afastada, como o romancista moderno.

[...] o cantador nordestino, herdeiro e depositário do fluxo lentíssimo da tradição como memória convertida em descoberta, representa um ponto de chegada de materiais erráticos que têm atravessado como meteoritos o firmamento de sistemas culturais inclusive muito distantes, para depois serem reutilizados por uma vontade artística em que a coletividade se realiza com gosto e fórmulas próprias. (PELOSO, 1996, p. 78).

A escolha pela análise desse período em específico, as primeiras décadas do século XX, se fez oportuna por ser o momento em que a importância dos cordelistas era ainda maior. Convém lembrar que era um momento em que ainda não existia fácil acesso ao rádio, e a TV ainda estava longe de existir. Sendo assim, as únicas formas de entretenimento e informação que existiam de maneira escrita eram, respectivamente, os livros e os jornais. Cabia aos poetas transpor esses textos para versos, pois somente assim a população poderia ter acesso a tais conhecimentos.

O fato de os folhetos serem feitos com um material barato, para serem estendidos nas feiras, fez também com que fosse uma literatura menos afastada do seu público leitor/ouvinte do que a literatura canônica, que tem como característica o leitor solitário. Além disso, ainda que a maior parte da população fosse analfabeta, por se tratar de uma literatura oral, feita para ser lida em voz alta, todos podiam ter acesso a essas histórias, não mais apenas aqueles que eram os detentores do saber, os que sabiam ler.

O cordel à luz de Candido

É possível pensar a problemática que envolve as reflexões propostas por Antonio Candido no contexto da Literatura de Cordel interpretando, então, os cordelistas como verdadeiros protagonistas de uma extensa reivindicação do direito à literatura. Cumpriam, no contexto em que estavam inseridos, o papel de atores sociais, sendo de fundamental importância para garantir que a população pudesse alcançar a literatura e a fruição, direitos que antes lhes eram negados, por diversos motivos.

Então, se a literatura canônica não pode ser aproveitada plenamente por todas as camadas da população, é por meio dos processos criativos dos poetas e as suas habilidades de transposição de histórias que a fruição será alcançada. Sendo o acesso a livros difícil, seja pela linguagem ou pelo valor financeiro, então seria por meio de folhetos de cordel que a imensa maioria da população nordestina conseguiria conhecer muitas narrativas e preencher a sua própria necessidade de fantasia. Mais do que nunca a literatura passa a ser uma forma de conhecimento e não apenas de divertimento, pois os versos dos cordelistas são capazes de levar o público leitor/ouvinte a lugares inimagináveis, bem como trazer notícias do que acontecia no Brasil e no mundo. Preenche, então, o que Antonio Candido assinala como a necessidade universal de fantasia.

No último tópico de “O direito à literatura”, Candido (2004, p. 191) conclui que a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas in comunicáveis, dando lugar a dois tipos in comunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito aos direitos

humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.

Baseando-nos neste parágrafo, é possível estabelecer que, ainda que ao elaborarem seus versos e que isso faça parte de uma ampla reivindicação do que aqui chamamos de direito à literatura, essa reivindicação não poderia se encerrar apenas na Literatura de Cordel. É possível afirmar que, dentro do contexto em que escolhemos analisar aqui, a exclusão era inevitável, justamente por se tratar de um contexto em que a população nordestina estava extremamente desfavorecida frente ao Sul do país, que abrigava a capital do Brasil.

Ao trazer o debate sobre o Regionalismo, em “A literatura e a formação do homem”, Candido (2002) demonstra que a literatura pode ser usada tanto para humanizar quanto para desumanizar, e com a Literatura de Cordel isso não seria diferente. Um grande exemplo é que as mulheres muitas vezes foram grandes vítimas das críticas dos cordelistas, pois o que se cobrava delas eram posturas inatingíveis. Uma mulher digna deveria se espelhar em Maria, a virgem mãe de Jesus, Cristo, a mulher reconhecida por Deus como perfeita. Isso pode ser visto em “Os martírios de Genoveva” (ATAÍDE, s. d., p. 2-3):

Genoveva era dotada
De inteligência e engenho
Nas feições dela se lia
O mais perfeito desenho
A natureza em orná-la
Se esmerou e fez empenho

Além dessas qualidades
Em tudo era preciosa
Modesta e trabalhadora
Cortês e religiosa
Graças a educação
De sua mãe extremosa

Quando estava em orações
Ajoelhada entre os pais
Parecia ser um anjo
Das regiões divinais
Que tinha baixado a terra
Para exemplo dos mortais.

Se ela não figura nos versos como modelo para todas as mulheres, irá lhes caber a representação oposta a essa. Muitas vezes utilizando estereótipos existentes naquela sociedade, os poetas retratavam as mulheres com comportamento destoante do que era socialmente aceito: eram perversas e capazes de desonrar o homem. Em se tratando da mulher negra, esse quadro era ainda mais violento, pois dentro do contexto literário do cordel, ali não caberia qualquer representação positiva. Em “O Bataclan moderno”, Ataíde tece críticas às mudanças sociais vividas pelas mulheres:

Mundo velho desgraçado
Teu povo precisa de um freio,
Para ver se assim melhora
Este costume tão feio
De uma moça seminua
Andar mostrando na rua
O sovaco a perna o seio.

De primeiro uma donzela
Andava bem prevenida,
Se acaso ia um passeio

Se encontrava ela vestida
Hoje essa mesma donzela
A moda obrigou a ela,
Sair pra rua despida (ATAÍDE, 1953, p. 1)²⁴.

É por meio das críticas dos poetas que ocorre também o que Candido chamou de desmascaramento, pois quando tecem críticas ao governo, como faz Leandro Gomes de Barros, por exemplo, seu público leitor/ouvinte consegue perceber que estão sendo vítimas de enganações e abusos. Para Marques (2014, p. 55), “Era, portanto, através das lentes satíricas do(s) poeta(s) popular(es) que o sertanejo via e entendia aquele mundo prenhe de novidades e mudanças inusitadas”. O exemplo pode ser visto nas seguintes estrofes, em que Barros busca denunciar a realidade em que os nordestinos estavam vivendo. Em “Um pau com formigas”, o poeta tece uma de suas denúncias acerca das mudanças vivenciadas no novo século:

Chamam este século das luzes
Eu chamo o século das brigas
A época das ambições
O planeta das intrigas
Muitos cachorros num osso
Um pau com muitas formigas.

Então depois da república
Tudo nos causa terror
Cacete não faz estudo
Mas tem carta de doutor
A cartucheira é a lei
O rifle governador (BARROS, 1912, p. 1).

As críticas também podem ser vistas em “O imposto e a fome”:

Disse o imposto – isso é nada,
O Brasil está todo exposto,
Enquanto existir governo
Reina a fome e o imposto,
Os presidentes de Estados
Dizem – morram os desgraçados
Ficando nós é tudo gosto.
[...]
Justiça em ti não há mais
Creio que morreu de desgosto,
A lei ficou como órfão
Sem pai, sem mãe, sem encosto,
O caráter foi embora
Só conhecemos agora
Política, fome e imposto (BARROS, 1909, p. 2-3).

É possível perceber como Leandro Gomes de Barros se empenhava em fazer suas denúncias, ultrajado pelos impostos excessivos, pela fome e pela miséria. Em consonância com o que afirmou Candido, seus versos eram capazes de despertar a reflexão em seu público, fazendo com que pudessem perceber a complexidade do mundo em que viviam, de uma maneira ainda mais pungente. Era por meio da sátira que seus versos se mostravam ainda mais ferinos.

²⁴ Apesar de o folheto ser referenciado como de autoria de João Martins de Ataíde, a *Bibliografia Prévia* de Sebastião Nunes Batista considera Leandro Gomes de Barros o autor do poema. Essa mudança de autoria ocorreu a partir do momento em que Ataíde comprou todo o espólio de Barros, a partir de então Ataíde passa a assinar os folhetos do autor como se fossem de sua autoria.

Conclusão

Neste artigo, buscamos justapor os ensaios de Antonio Candido à Literatura de Cordel, mostrando como a necessidade de literatura e fantasia é universal e atinge todas as camadas sociais. No começo do século XX, a literatura canônica era negada ao povo nordestino, assim como o direito à fruição, algo tão desejado pelas classes sociais mais elevadas. Negar esse direito seria negar também a humanidade daquelas pessoas.

Ao tomar para si a voz, fazendo com que um integrante do povo pudesse finalmente ser ouvido, o cordelista passa a representar também os anseios de seu público leitor/ouvinte, haja vista que seu sucesso também dependia desse diálogo direto com seu público. O poeta de cordel é uma figura muito sensível, pois lhe cabe perceber muitas nuances da realidade em que habita.

Sendo assim, sob essas novas lentes, criadas pelos versos dos poetas, o nordestino passava a perceber a própria realidade de uma outra forma, pois o poeta era capaz de fazer com que, ao finalmente se enxergarem de alguma forma representadas na literatura, essas pessoas pudessem também resistir e reexistir, frente a todas as agruras cotidianas que as cercavam.

Referências

ATAÍDE, João Martins de. (A *Bibliografia Prévia* de Sebastião Nunes Batista, considera Leandro Gomes de Barros o autor do poema) **O Bataclan moderno**, Juazeiro do Norte, Editor José Bernardo da Silva, 1953.

_____. **Os martírios de Genoveva**. S. l.: s. n., s. d.

BARROS, Leandro Gomes de. **O imposto e a fome/O homem que come vidro/O reino da Pedra Fina**. Recife, PE: s.n., 1909.

_____. **Um Pau com Formigas/ Conclusão de Riachão com Turbana**. Recife, PE: s.n., 1912.

BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Mágica e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, v. 1. p. 197-221.

CANDIDO, Antonio. A literatura e formação do homem. In: CANDIDO, Antonio. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002. p. 81-90.

_____. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 171-193.

MARQUES, Francisco C. A. **Um pau com formigas ou O mundo às avessas: a sátira na poesia popular de Leandro Gomes de Barros**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2014.

OLIVEIRA, Leticia Fernanda da Silva. **De mártir a meretriz: figurações da mulher na Literatura de Cordel (1900-1930)**. Dissertação de Mestrado. Assis-SP: UNESP, 2017.



PELOSO, Silvano. **O canto e a memória**: História e utopia no imaginário popular brasileiro. São Paulo: Ática, 1996.

[Recebido: 15 ago 2020 – 19 set 2020]